

Não é um pássaro. Não é um avião.

Anderson Pires da Silva*

O volume 25 da Revista IPOTESI, em seu segundo número, abre espaço para a reflexão crítica, no campo dos estudos literários, sobre a importância das Histórias em Quadrinhos para ampliação do imaginário e das formas de ficção na modernidade. De modo semelhante aos críticos que perguntavam em 1917 se os *ready mades* de Marcel Duchamp eram “arte”, os pesquisadores também fizeram a mesma pergunta em relação às HQs, se eram uma nova forma de “arte” e “literatura”? Se essas indagações pareceram fracassar em seus propósitos, não se deve necessariamente à natureza do objeto, o caráter artístico e literário das HQs., mas sim a um problema de formulação, isto é, a aplicação de categorias tradicionais de “arte” e “literatura” a um objeto que nasceu desvinculado dessas tradições.

Walter Benjamin, no ensaio “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, argumenta que o cinema e a fotografia (e incluímos as Histórias em Quadrinhos também, porque surgem no mesmo período histórico sob as mesmas formas de produção) deixavam de lado “numerosos conceitos tradicionais”, como “autenticidade” calcada no valor único do objeto e no valor de eternidade. Emancipadas dos vínculos históricos com a tradição, com a antiguidade clássica a qual o teatro, a escultura e literatura estão vinculados, as histórias em quadrinhos, se não como linguagem, mas como objeto (a revista em quadrinhos, o *gibi* como chamamos aqui), são produto da modernidade do final do século XIX, de uma cultura de massa, de uma sociedade de consumo, parte essencial do que hoje chamamos de cultura do entretenimento.

Não é por acaso que os primeiros estudos críticos sobre as histórias em quadrinhos tenham ocorrido no campo da teoria da cultura de massa na década de 1960. Quando o debate em torno de arte x entretenimento se acirra. É também nessa década que ocorre a Exposição *Bande dessinée et figuration narrative* no *Palais do Louvre*, além das primeiras pinturas *pop art* de Roy Lichtenstein baseadas nas histórias em quadrinhos. A partir desse momento, notamos uma mudança na reflexão teórica sobre as Histórias em Quadrinhos, uma vez que as distinções entre arte e entretenimento se tornam mais diluídas na cultura contemporânea, as pesquisas se voltaram para a análise da linguagem das histórias em quadrinhos, sua semântica e imaginário próprios. Nesse sentido, convidamos o prof. Nobu Chinen para, através do seu relato pessoal como leitor e pesquisador, apresentar aos leitores uma cronologia das pesquisas em quadrinhos.

Em seguida, no artigo “Na mancha, um suicida: sobre a morte de Rorschach em *Watchmen* de Alan Moore e Dave Gibbons”, os autores Willian André e Igor da Rocha Gulicz discutem a relação entre o existencialismo de Albert Camus e o realismo psicológico de Alan Moore para a construção do personagem Rorschach. Moore, talvez seja o escritor de quadrinhos que mais provoca discussões literárias e filosóficas, como podemos perceber no artigo seguinte. Em “O Tarô Em Promethea 12, de Alan Moore E J.H. Williams III: dos Arcanos Maiores como uma Mística História do Mundo”, Enéias Farias Tavares e Suellen Cordovil da Silva analisam a relação entre a simbologia esotérica e o mito da criação artística.

* Graduado em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre em Literatura brasileira pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. É autor dos seguintes livros: "O Mal Que os Habita: O Edifício Dante" (romance, 2021), "O Imaginário das Histórias em Quadrinhos e outros ensaios" (crítica, 2021), "Malditos" (romance, 2018), "Trovadores elétricos" (poemas, 2012), "Mário e Oswald: uma história privada do modernismo" (historiografia literária, 2009), co-autor de "Livro de setes faces" (poemas, -2006). Professor adjunto de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Coordenador do Grupo de Pesquisa Narrativas Visuais/Experiências Literárias, grupo cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

Em “A evolução semiótica dos personagens em *Akira* de Katsuhiro Otomo”, Klinsman Elias da Costa e Carolina Alves Magaldi partem do estudo dos personagens para discutir as especificidades da linguagem narrativa dos quadrinhos, em particular o quadrinho japonês, baseados nas formulações teóricas de Thierry Groensteen e Scott McCloud.

Os dois artigos seguintes, “Literatura e adaptações para quadrinhos: uma análise da biografia ilustrada de Anne Frank” de Roberto Rossi Menegotto e João Claudio Arendt, “Quebrando a primeira regra do clube da luta: um estudo sobre a origem e o desenvolvimento do clube da luta em *Clube da Luta* e *Clube da Luta 2*” de Thiago Martins Caldas Prado e Diane Nascimento de Oliveira, tratam das relações intertextuais entre quadrinhos e literatura. No primeiro texto, os autores discutem o “processo de tradução intersemiótica” dos diários de Anne Frank para a biografia ilustrada *Anne Frank: a biografia ilustrada*, de Sid Jacobson e Ernie Colón. No segundo texto, a dupla de pesquisadores analisa a continuação de *Clube da Luta 2*, cujo primeiro romance escrito por Chuck Palahniuk tornou-se um fenômeno de culto devido a sua adaptação para o cinema. Quais razões teriam levado Palahniuk, ao escrever a continuação de seu romance de sucesso, optar por escrevê-lo como uma história em quadrinhos? Essa pergunta orienta todo o artigo até a sua conclusão final.

Na seção “Outros textos”, o escritor e ilustrador, além de doutor em Estudos Literários, Marcelo Manhães de Oliveira, no artigo “Imagem e processo criativo: A deformação do real em *The Raven* de Edgar Allan Poe”, discute o processo de deformação do real no célebre poema de Poe. E, por último, no artigo “O primitivismo poético em Oswald de Andrade: vanguarda e intertextualidade”, de autoria do organizador dessa edição, analisamos a influência da fase primitivista da pintura de Tarsila do Amaral sobre os poemas de Oswald de Andrade no livro *Pau-Brasil*.

Por fim, agradecemos aos pareceristas desta edição da Revista *Ipotesi*, pela disponibilidade em um momento difícil para a pesquisa científica no Brasil. Agradecemos também ao Grupo de Pesquisa Narrativas Visuais/Experiências Literárias, formado por pesquisadores e pesquisadoras do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras-Ufjf, que desenvolvem importantes trabalhos no âmbito da pesquisa sobre quadrinhos no campo dos estudos literários. Um agradecimento final à artista e pesquisadora Luciana Freesz pela capa que ilustra a edição.

Este volume é dedicado a George Perez.